



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657



A CONSCIÊNCIA DA MORTE E A SUA CORRELAÇÃO COM A ESPIRITUALIDADE E A RELIGIÃO

CLEIDICELMA FORTUNA SANTOS
MARIA RAIMUNDA DE LEMOS FERREIRA
VERÔNICA FORTUNA SANTOS

EIXO: 8. EDUCAÇÃO, CULTURA E RELIGIÃO

A CONSCIÊNCIA DA MORTE E A SUA CORRELAÇÃO COM A ESPIRITUALIDADE E A RELIGIÃO

EIXO 8

RESUMO: O presente estudo aborda algumas concepções sobre a morte, tema que ainda é considerado um tabu. O homem, como ser consciente da finitude biológica dos seres vivos, elaborou diversos sistemas de significados para a morte, de acordo com cada cultura, para poder lidar com esse fato. Para tal o ser humano sentiu necessidade de criar representações sobre a morte, no contexto cultural, em que a esta é vista e elaborada ritualisticamente por cada sociedade. A construção metodológica desse artigo é de natureza qualitativa e pesquisa bibliográfica na busca de realizar um levantamento de informações acerca desse tema tão emblemático na história, destacando como o fato biológico foi transformado em um produto social. Destacando ainda alguns sistemas classificatórios e de concepções de morte existente na literatura científica.

Palavras-chaves: Morte, cultura e religiosidade.

ABSTRACT: This study addresses some views about death, a theme that is still considered taboo. The man, how to be aware of the biological finitude of living beings, developed various systems of meanings to death, according to each culture in order to deal with that fact. For such humans felt the need to create representations of death in the cultural context in which this is seen and ritualistically prepared by each company. The methodological construction of this article is qualitative in nature and literature in seeking to survey information on this subject so emblematic in history, highlighting how the biological fact was transformed into a social product. Also emphasizing some qualifiers and existing conceptions death in the scientific literature systems.

Keywords: Death, culture and religion.

INTRODUÇÃO

Para o homem, a vida e a morte são polos opostos que se complementam. A consciência da morte fez o homem desenvolver mecanismos para a transmissão, de geração a geração, das experiências sócio-culturais sobre a morte. Estando ciente da finitude da vida, o homem é capaz de se organizar, preparar, revoltar-se ou até mesmo tentar fugir contra o fim biológico inevitável.

O ato de sepultar os mortos é uma marca da humanidade. Descobertas arqueológicas demonstram a antiguidade dos ritos funerários. “As sepulturas de La Chapelle-aux-Saints (Corréze) e da Ferrassie testemunham a existência de ritos funerários entre os homens de Neanderthal, há cerca de 450.000 anos” (Bayard, 1996, p.56). Os neandertalenses dispunham os corpos nas covas em posições variadas, sendo também notificada a presença de ferramentas, vestígios de fogueiras e restos de animais, prova de uma ritualização. Em 1968, a pesquisadora Arlette Leroi-Gourhan encontrou

no Iraque um corpo que fora posto sobre leito de folhas de pinheiro e coberto de flores, sugerindo que tal achado tratasse de gesto simbólico, para honrar uma pessoa em especial. Outra evidência de ritualização, já presente nesse período, é a posição dos corpos, sendo notado que no paleolítico superior, os corpos eram postos nas covas deitados sobre o lado esquerdo, o braço esquerdo dobrado e voltado para o alto, a mão direita por sua vez era posta sobre a cabeça, e as pernas fortemente dobradas. Sobre a cova era colocada três pedras, uma sobre a cabeça e as duas outras sobre os pés. As inumações[1] ocorriam com mais frequência em locais significativos para o grupo. Ainda nesse ano, nas necrópoles de Cap Blanc, na Dordonha e de Pontcharaud próximo de Clermont-Ferrand, constatou-se a presença de túmulos individuais, e túmulos coletivos, contudo essas descobertas ainda são insuficientes para entender por completo a mentalidade, os costumes desses períodos, e compreender, por exemplo, porque existiam estes sepulcros individuais e coletivos (Bayard, 1996, p.55-61).

A CONSCIÊNCIA DA MORTE E DO MORRER

O homem é capaz de ter consciência plena da morte, em especial da sua morte, diferentemente dos demais animais que possuem certa percepção, ou sensibilidade sobre o morrer, reagindo a este acontecimento através do instinto, em conformidade com as leis da espécie a que pertence. Esse fato está associado à impossibilidade dos animais reconhecer, representar e conceitualizar a própria morte: “Embora esta individualidade exista, ele não pode reconhecê-la e, portanto, não pode avaliar sua perda: a morte”. (Rodrigues, 2006, p. 19).

O homem é o único animal a ter consciência plena da morte, e capacidade para ritualizá-lo, como afirma o Historiador das Religiões Bayard na sua obra “Sentido oculto dos ritos mortuários”:

(...) o homem se define como o animal que pratica ritos funerários. A existência destes é atestada desde o homem do Neandertal, há 600 séculos; no Iraque, descobriram-se oito esqueletos repousando no meio do cascalho; a análise do pólen mostrou que um dos defuntos foi colocado sobre camadas de flores. (Bayard, 1996, p.09).

A morte, na perspectiva humana, não é apenas um fenômeno físico, mas, sobretudo um fenômeno social, “o vazio da morte é sentido como vazio interacional”. A morte física é distinta da morte nas consciências, pois com a morte, o corpo pode desaparecer do meio social, mas a lembrança do falecido pode permanecer acesa neste mundo, por meio de várias práticas e representações:

E esta presença só arrefece aos poucos, lentamente, por meio de uma série de dilaceramentos de que são vítimas os sobreviventes. A consciência não consegue pensar o morto como morto e por isso não pode se furtar a lhe atribuir uma certa vida. A morte definitiva não é determinada pela realidade natural mais que pelas instituições sociais: o defunto conserva ainda, por algum tempo, determinados poderes e direitos, mais ou menos duradouros segundo as diferentes culturas (Rodrigues, 2006, p. 29).

Ao longo da história, a humanidade transformou, de maneira significativa, a sua maneira de ver a vida, a morte e o mundo. As variedades de representações sobre a morte, assim como os ritos funerários, têm como objetivo aplacar os impactos das ideias de aniquilamento, e de finitude, por meio da recusa da morte. Diferentes culturas irão trabalhar com a representação da morte como uma grande transformação, por meio da qual o morto renascerá, despertará, reencarnará, ressuscitará, e assim por diante. Como ressalta Rodrigues (2006 p.34), a crença na sobrevivência do duplo em outro lugar é uma das crenças mais antigas.

ESPIRITUALIDADE, RELIGIÃO E CULTURA NO ENTENDIMENTO E SUPERAÇÃO DA MORTE

As crenças, as práticas, os ritos funerários estão em conformidade com o sentido que a cultura tem da morte, conferindo ainda significados variados, segundo um sistema classificatório que tem como objetivo “compreender as mortes-evento, dialogar com elas, e atribuir-lhes sentido” (Rodrigues, p.26). O autor cita como exemplo: o sistema de classificação de morte no Brasil, pois é possível morrer de ‘morte morrida’, ‘morte de velhice’, de ‘morte matada’ e de ‘morte violenta’, cada tipo de morte gera uma reação emocional específica nos familiares e amigos. A ‘morte morrida’ é quando a morte ocorre sem possuir um culpado específico, as razões ligam-se ao funcionamento do organismo, sem que exista uma doença propriamente dita como culpada pelo fato, pois, caso exista uma doença, que é listada como a responsável pelo óbito, ela é apontada: morreu de ‘enfarte’, de ‘nó-nas-tripas’, de ‘fraqueza’, e de ‘desgosto’. Ainda nessa classificação,

podemos encontrar a 'morte morrida' ou por 'velhice', que ocorre por ocasião da idade, que lentamente conduziu o idoso ao fim da sua vida, sem que este falecido tenha sofrido nenhum acidente, ou agressão. A morte 'morrida' ou por 'velhice' encaixa-se no que a cultura brasileira denomina de 'morte natural'. A 'morte matada', por sua vez, é uma morte que existe um culpado, seja a morte por acidente, assassinato e suicídio. Nessa categoria ainda pode existir uma subdivisão entre a população mais escolarizada, a morte pode ser 'súbita' ou 'agônica'. (Rodrigues, 2006, p. 26).

No sistema de classificação de várias culturas africanas não existe morte natural. Excetuando-se a 'morte de deus', que são os óbitos por velhice, em todos os demais tipos de morte, procura-se sempre um culpado. Os *altogoveanos* costumam fazer autópsia nos corpos dos mortos para determinar a causa e a origem. Entre os *Obamba*, segundo a pesquisa de Alihanga, o morto é dividido ao meio em um lado patrilíneo e outro matrilinear. É realizada uma autópsia para identificar em qual dos lados foram encontradas as lesões que provocaram a morte, ao final do processo, dever-se-á buscar os culpados, entre os parentes maternos ou paternos. (Alihanga *apud*: Rodrigues, 2006, p. 27).

A morte também pode receber a categoria de 'morte-bruxaria', pelos *Nuer* que acreditam que a bruxaria é a fonte principal dos óbitos. Já os índios *Krahó* atribuem a morte ao feitiço, doença ou acidente. Os *Guajiro* creem na morte como sendo obra de seres supra-humanos que atacam os vivos, de forma 'aleatória' (Rodrigues, 2006, p. 28).

Ainda no âmbito das classificações, a morte pode ser categorizada no plano ético, a pessoa pode 'morrer em paz', 'morrer tranquilo'. Algumas culturas diferenciam a boa e má morte. Segundo Thomas, citado por Rodrigues (p.28) na deontologia negro-africana, a boa morte é aquela que segue a tradição de morrer na aldeia, com a idade avançada, após ter numerosos filhos, para que estes venham chorar por ele, e fazer sacrifícios em seu nome; a boa morte se dá sem sofrimento, não é provocada por acidente ou doença desonrosa, morre-se em paz sem rancor ou ressentimento. Portanto, a morte boa é aquela que "é bela e suave por que ela conduz ao 'pai' e aos ancestrais. Morrer é dizer a seu pai: eis-me, cantam os pigmeus" (idem).

De acordo com Rodrigues, os diferentes sistemas de classificação da morte tendem a vê-la como sendo predominantemente previsível, classificável e universal (todos nós morreremos) ou predominantemente aleatória e cega (morre-se quando chega o momento). Na sociedade contemporânea, evidenciam mais as dimensões aleatórias da morte nesse sentido, a morte é encarada cada vez menos como uma fatalidade e cada vez mais como probabilidade que tende a diminuir, à medida que, tentamos controlar os fatores aleatórios por meio da realização de certas atividades: *check-up*, regras de segurança, alimentação balanceada, atividades físicas, entre outras medidas. Em tese, acredita-se em que o controle desses fatores diminui as possibilidades de morrer. (idem).

O homem, ao longo da História, produziu várias representações em torno da sua morte, e da dos outros. Essa consciência irá influenciar a maneira de ver não só a morte, mas também a vida, a sociedade e o mundo. Para lidar com a idéia da finitude humana, o homem criou sistemas lógicos religiosos, teológicos, filosóficos que tentam justificar, analisar e compreender a morte. Os saberes, as representações, as imagens produzidas por esses sistemas tentam conjugar "o tudo e o nada, a angústia e o alívio, a tristeza e a alegria, a falta e a substituição, o inteligível e o incompreensível, o aqui e o além, a vida e a morte" (Rodrigues, 2006, p. 19 e 33).

CONCEPÇÕES DE MORTE SEGUNDO ARIÈS

Em estudo já clássico sobre as atitudes do homem ocidental diante da morte, Ariès (1990, p. 657), apresentou algumas concepções de morte: a domada, a morte de si, a morte do outro e a selvagem. O autor ressalva a relação entre a atitude do homem diante da morte e a consciência de si mesmo, e de sua individualidade.

O primeiro modelo da morte domada é a morte ritualizada. Para fins analíticos, o autor aborda seu estudo na segunda fase da Idade Média, a partir dos séculos XI e XII. Contudo, afirma que a presença desse modelo é remota. Esse período é caracterizado pelo início de um sentido dramático e pessoal, prevalece uma espécie de familiaridade tradicional do homem com a morte, fundamentada numa concepção coletiva da destinação, ou seja, o homem aceitava o seu fim, de tal forma que não tentava evitá-la. A morte, nesse período, era regulamentada por ritos, e não se morria sem se ter tido tempo de saber que iria morrer. O aviso da chegada da morte se dava por meio de signos naturais, ou por uma convicção íntima, uma premonição sobrenatural ou mágica. Ciente do fim próximo, o moribundo tomava suas providências por meio de cerimônias tradicionais: a primeira é o lamento da nostalgia da vida, em seguida, vinha o perdão dos companheiros, dando continuidade, tinha as preces que se subdividiam em a culpa e a *commendatioanimae*^[1], e por último vinha o ato religioso-eclesiástico da absolvição sacramental. Portanto, o cerimonial era público e organizado pelo

próprio moribundo, que esperava o seu fim, calmamente em seu quarto, não possuindo o caráter dramático ou gestos de emoção excessiva (Ariès, 1977, p.17-20).

Esses rituais de separação que antecedem o enterro do moribundo, estão associados à concepção do “bem morrer” da alta Idade Média. A morte repentina era considerada como feia e desonrosa, sendo, portanto, motivo de medo, causava estranheza, e tornava-se tabu entre os vivos, o morto nessa ocasião, de falecimento repentino era percebido como um ser maldito, constituindo assim a má morte (Ariès, 1989, p.34).

De fato, a morte era temida, contudo, o homem criou o ritual como uma estratégia contra a natureza, contra a finitude, estabelecendo interdições e concessões. Com tais rituais, a morte é aprisionada, transformada em espetáculo para o público-comunidade, que deles participam com o compromisso de domesticá-la. (Ariès, 1990, p.659).

O espetáculo dos mortos, cujos ossos afloravam à superfície dos cemitérios, como o crânio de Hamlet, não impressionava mais os vivos que a idéia de sua própria morte. Estavam tão familiarizados com os mortos quanto com sua própria morte (Ariès, 1977, p.26).

A morte de si mesmo é o segundo modelo, apresenta uma sutil modificação em relação à primeira, a morte domada. Essa nova concepção surgiu da preocupação com a particularidade de cada indivíduo, demonstrada através de três fatores: a representação do juízo final, deslocado para o fim de cada vida, a volta da epígrafe funerária, e a prática de personalização das sepulturas (Ariès, 1977, p. 29 e 30).

Nesse meio, a relação tradicional entre a própria pessoa e as outras inverteu-se uma primeira vez: o sentido de sua identidade prevaleceu sobre a submissão ao destino coletivo. Cada um separava-se da comunidade e da espécie, na consciência que tomava de si mesmo (Ariès, 1990, p.661).

A representação do juízo final apresenta cortes de justiça, em que Cristo é o juiz que avaliava as almas, segundo o “balanço de sua vida”, das boas e das más ações. E não como antigamente, pois bastavam os mortos pertencerem à Igreja, para que com a morte esses adormecessem à espera do dia do segundo advento, quando despertariam para o paraíso. O juízo final era deslocado para o quarto do moribundo, transformando-se em palco da luta cósmica do bem e do mal, através do juízo individual de cada vida, estabelecia-se uma relação nova entre a morte e a biografia particular. Tal fato ocasional atribui uma carga de emoções de caráter dramático ao cerimonial. Iniciava-se nesse mesmo período uma tendência geral de individualização das sepulturas, uma tentativa de fazer o morto existir por mais tempo, por meio da memória, de vencer a morte de alguma maneira.

Era inevitável que uma tal exaltação do indivíduo, mesmo sendo mais empírica que doutrinária, tenha feito variar o parâmetro 3, a natureza da sobrevivência. A paixão de ser a si mesmo e de ser mais, manifestada durante a vida, atingiu por contágio a sobrevivência. O indivíduo forte da baixa Idade Média não podia se satisfazer com a concepção pacificada, mas inativa, dos *requies*. Deixou de ser o *homo totus* prolongado e adormecido. Tornou-se duplo: por um lado, o corpo gozador ou sofredor; por outro, a alma imortal que a morte libera. O corpo desapareceu, então, sob reserva de uma ressurreição admitida como um dogma imposto, mas estranho à sensibilidade comum. Em compensação, a idéia de uma alma imortal, sede do indivíduo, já cultivada há muito tempo no mundo clerical, estendeu-se, pouco a pouco, do século XI ao século XVII, conquistando finalmente quase todas as mentalidades, salvo alguns bolsões subterrâneos. Essa nova escatologia provocou a substituição da palavra morte por perífrases banais como “entregou a alma” ou “Deus tenha sua alma” (Ariès, 1990, p.661-662).

Então, nessa nova mentalidade: homem dividido em corpo e alma, já não se contenta a dormir o sono, à espera do advento. O homem agora tenta afirmar sua identidade criadora neste ou no outro mundo, recusando-se a morrer no anonimato físico e social. A morte passa, portanto, a ser dissimulada, em que os rostos dos cadáveres passam a ser encobertos e encerrados, na roupa mortuária, no caixão, e no catafalco, onde se colocava a representação do morto. (Ariès, 1990, p.659).

A partir do século XVIII, surge a morte romântica, ou a morte do outro, mudança essa que inspirou o culto dos túmulos, e dos cemitérios dos séculos XIX e XX. Nos modelos anteriores, a concepção da morte era a do destino comum (nós morremos todos) e o da biografia pessoal (a morte de si mesmo), nesse modelo, a característica marcante é o sentido do outro, pois, a afetividade está fortemente presente, criando a crise dramática, a morte do outro, que apresenta uma revolução dos sentimentos da vida particular, a *privacy*. A morte é temida, não mais a morte de si mesmo, e sim a do outro, do ser amado, em uma relação particular e original. Nessa ocasião, as cerimônias do quarto e do luto passam por transformações com relação à ritualização, a regra que limitava o excesso das emoções é derrubada, dando vazão a expressões espontâneas da dor dos sobreviventes. “Mas estes deploravam a separação física do trespassado, e não

mais o fato de morrer.” Portanto a dor consistia na separação do morto dos sobreviventes, e não da morte-acontecimento, pois a morte é exaltada como um momento desejável, ela é bela como a natureza, visto que, a visão do mal é afastada do domínio da morte, do coração e da consciência do homem, o medo do inferno cessa, de modo que, é inconcebível pensar que seus entes queridos pudessem estar condenados a esse mal. A ideia de Céu também mudou de significado, adquirindo a representação de um lugar de reencontros dos que a morte separou, para a reconstituição dos sentimentos da terra. Nesse momento a morte é vista como uma ruptura, a ruptura dos laços afetivos (Ariès, 1977, p. 41 e 42).

O último modelo analítico apresentado por Ariès é a morte interdita ou selvagem, período que corresponde às tendências do século XIX. A morte conserva e reforça o caráter *privacy* do modelo anterior, apesar de que dizem-se muitas vezes que está enfraquecendo. A grande marca é a afetividade, que toma atitudes de caráter invertido em comparação ao primeiro modelo. Com relação à anunciação da morte, hoje a família e a comunidade tentam proteger o moribundo, ou o doente em estado grave, o seu real estado de aproximação com a morte, para protegê-lo da sua própria emoção, uma conspiração é montada pela família, e pelas pessoas que têm contato com o moribundo. No entanto, com essa atitude, o homem passa a perder o domínio da sua própria morte, o novo costume vê como algo positivo a pessoa morrer na ignorância de sua morte. Tal atitude está ligada aos progressos do sentimento familiar, que conspira para privar o moribundo da proximidade da morte, ela se apresenta escondida, clandestina. A morte torna-se medicalizada, pois o doente é transferido para os hospitais, fechando a morte num laboratório científico, de onde teoricamente as emoções devem ser banidas.

A sociedade também sofreu transformações, sendo a solidariedade coletiva substituída por um imenso aglomerado de indivíduos, que se perturbam com a presença da morte, proibindo assim que os vivos se abalem excessivamente com a morte dos outros, “o novo consenso exige que se esconda aquilo que antigamente era preciso exibir, e mesmo simular a seu sofrimento”. O luto atualmente é controlado pela sociedade para que tenha curta duração, sendo proibida a exposição da dor, tudo é trabalhado para mascarar a morte. Outro fato interessante, que o autor retrata, é a falta de familiarização da morte com os avanços da Medicina. (Ariès, 1977, p. 145 e 149).

A DESSACRALIZAÇÃO DA MORTE E O SEU TABU

Segundo os estudos de Gorer, a morte no século XX é o grande interdito, substituído o papel que outrora o sexo ocupava.

Hoje as crianças são iniciadas, desde a mais tenra idade, na fisiologia do amor e do nascimento; no entanto, quando não veem o avô, e perguntam por que respondem-lhe, na França, que este viajou para muito longe, e, na Inglaterra, que descansa num lindo jardim onde crescem as madressilvas. Já não são as crianças que nascem dentro de repolhos, mas os mortos que desaparecem por entre as flores (Gore apud Ariès, 1977, p.151).

Ariès traça a relação do tabu da morte presente na atualidade, como sendo uma característica estrutural da civilização contemporânea, que separa a morte do cotidiano, do discurso e do meio social, para o bem-estar e do consumo, ao modelo das sociedades industriais. Contudo, a morte ainda resiste ao esvaziamento imposto pela modernidade, temos como exemplo nos Estados Unidos. Nesse país, ocorrem as etapas de inversão da morte, que consistem na alienação do moribundo e supressão do luto, no entanto, o enterro propriamente dito é um ritual que não sofreu alteração para a diminuição. O toailete,funerário, o embalsamento do corpo para que o falecido tome a aparência de vivo, apresenta o início de uma série de ritos mortuários novos, visto que após o toailete o morto quase vivo é exposto no salão de uma *funeral home*[1], em que o morto recepciona os visitantes em meio a flores e música; cenário funerário solene, enterros em cemitérios projetados como parques, destinados à edificação moral dos visitantes. A morte passa a ser um objeto de consumo deste país, “mas é interessante que ela tenha se tornado um desses objetos, e também objeto de publicidade, apesar do interdito que atingia a vida social de todas as outras localidades”. O *funeral home* é um ponto de intersecção entre a ritualização e a desritualização, pois afasta o morto do espaço familiar para um local neutro, e as cerimônias arcaicas do luto tradicional. “Por isso, esses ritos funerários, criados pelos americanos, são um compromisso entre sua repugnância, em deixar de marcar uma pausa solene após a morte, e seu respeito geral ao interdito sobre a morte”. A demonstração desse fato está nas técnicas químicas de conservação, que têm por objetivo ritualístico de esquecer o morto, e criar a ilusão do vivo (Ariès, 1977, p. 152 e 155).

Para vender este estilo de *wayofdeath*[2]os *funeraldirectors*se postulam na Psicologia, afirmam que os funerais lindos e floridos substitui os sentimentos de tristeza pela serenidade. “A indústria das pompas fúnebres e dos cemitérios (que são privados, salvo as ‘fossas dos podres’) tem uma função moral e social: suaviza (softness) a saudade dos sobreviventes, e dispõe os monumentos e os jardins da morte para a felicidade dos vivos”.

No Estados Unidos atribui-se aos cemitérios americanos, na atualidade, o papel que era destinado às necrópoles arquitetadas pelos franceses, no fim do século XVIII, quando foi interdito o sepultamento dentro das cidades, o que ocasionou a projeção de novos cemitérios, entre estes o Père-Lachaise (Ariès, 1977, p.156).

Foram construídos os cemitérios, que além de comportar a função de depósitos dos corpos, serviam como locais de visitas de parentes e amigos. Então dois modelos de necrópoles são preconizados. O primeiro é o de Père-Lachaise, construído aproximadamente em 1803, para substituir o cemitério de Santa Margarida, localizado na França, tendo como referência os Campos Elíseos, jardim inglês com belos monumentos, com a finalidade de ali transportar os restos mortais de ilustres (Ariès, 1990, p.578).

O segundo modelo é o americano, cuja concepção foi motivada inicialmente por preocupações com a indecência das sepulturas, e os perigos para a higiene pública, depois o projeto passou a ter como ambição “transformar a morada dos mortos numa ‘instituição cultural’ para os vivos, que gostassem de visitá-lo e ali meditar”(Ariès, 1990, p.579).A referência deste modelo de necrópole é o cemitério MountAuburn criado em 1831, em Massachusetts, cujo projeto voltado para a paisagem natural, fez com que ficasse conhecido como “*rural cemetery*”(cemitérios rurais).

Esse modelo americano é semelhante ao primeiro, por também consistir em um grande jardim com monumentos fúnebres, contudo é a relação entre a natureza *versus* monumentos que os diferenciam. Entre o século XIX e início do século XX, cemitério estilo americano à natureza é ressaltado, e os mausoléus, estátuas e esculturas são substituídas por lápides discretas, construídas com placas de pedras ou metais, com o intuito de identificar e localizar o túmulo, tomando-se *Lawn-cemetery* (cemitério de gramados) de grandes gramados ou jardins, servindo até de exemplo para a criação de parques urbanos, entre eles o Central Park, em Nova Iorque (1856). O “*rural cemetery*” domina na Inglaterra e na América do Norte. Esse tipo de cemitério sofre ressignificações passando a agregar sentimentos patrióticos e cívicos. (Ariès, 1990, p. 579 e 580).

A disparidade dos dois modelos parte, portanto, da atitude do homem diante da natureza, na América e na Inglaterra, a natureza é mais visada, por comover sempre a população. Na França, por sua vez, a natureza comove, também, mas logo é esquecida, a população torna-se indiferente e o sentimento foi absorvido pelos monumentos, formando a cidade de pedras. A vaidade nesse contexto, é marcante, pois:

O homem do século XIX não suporta o abandono dos mortos como se eles fossem animais; quer meditar no lugar das sepulturas que é preciso, portanto, identificar, por mais discreto que seja o sinal. Então, renunciando à arte, a solução é a do *rural* ou *lawn-cemetery*, onde a arte pede que a natureza lhe tome o lugar. (Ariès, 1990, p. 583)

No modelo *rural cemetery*, os túmulos visíveis vão perdendo força, ocorrendo o inverso na França, e em toda a Europa continental, os seus monumentos fúnebres utilizados tinham ligação com os belos monumentos das igrejas, os túmulos-capela, que nos séculos XVII e XVIII quando eram permitidos os enterros nas igrejas, era comum as famílias construírem nas laterais das capelas, apesar da arte funerária do século XIX ser imensamente variada. Portanto, são monumentos artísticos que prevalecem sobre a natureza, os novos cemitérios urbanos da Europa continental seguem esse estilo, pois o cemitério adquire o aspecto de “cidade de pedras”, nos quais os túmulos projetam a ideia de casas-capela, de orações e admiração (Ariès, 1990, p.581 e 584).

CONCLUSÃO

A relação que a coletividade possui com a morte só é possível através da capacidade do ser humano em ter consciência plena da morte de si, e a do outro. E a prática de sepultamento é, portanto, a grande marca do homem, que, de gerações a gerações é transmitida.

O homem, portanto, no seu mecanismo de representação da morte cria sistemas de classificação, criando práticas funerárias, segundo a sua cultura, ou seja, a atitude e os pensamentos sobre a morte operam a partir de um determinado campo semântico.A morte é uma certeza de que o homem tenta fugir, mascarar, neutralizar, mas sobretudo, dotar de significados.

Apesar de o homem ter a consciência da morte, ele não consegue pensar o morto como morto, atribuindo-lhe certa vida. O indivíduo pode morrer fisicamente, e ser imortal socialmente, ou morrer socialmente antes mesmo de ocorrer a morte biológica. Neste contexto, o morto ganha vida, sendo “submetido a uma passagem, a um processo de mudança, a um estado transitório”, o morto não é bandido da vida dos vivos, este mantém contato com os vivos, seja através do culto aos mortos, do medo, e da ritualização em geral. A morte torna-se um produto social (Rodrigues, 2006, p.157-158).

E, como produto social, a morte é tratada diferentemente ao longo da História da humanidade. Apesar de possuímos a

impressão de termos uma tradição funerária imutável, porém, ao longo dos anos, as práticas fúnebres vêm se modificando, perdendo elementos ritualísticos, agregando novos, e conservando outros.

Na sociedade contemporânea em particular, ocorre a apropriação da morte pelas empresas funerárias. A morte é maquiada em espaços cemiteriais neutralizados, em que o morto é ocultado, havendo uma 'dissimulação do cadáver'. Os ritos mortuários funerários são neutralizados, mediante a coerção social, que proíbe falar sobre a morte, escondendo-a, a morte desapareceu e se profissionalizou. Hoje em dia, os moribundos não morrem, em seu lar, e sim em hospitais, locais aos quais estes são transferidos para morrerem, visando à higiene e proteção da família das pressões emocionais. Conseqüentemente, a morte perde a publicidade, ela é banida, torna-se tabu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈIS, Philippe. **Historia da morte**: da Idade Média aos nossos dias. Coleção Ciências Sociais. 2º ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

_____. **O Homem diante da morte**. Coleção Ciências Sociais, 2º ed., Vol. I. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

_____. **O Homem diante da morte**. Coleção ciências sociais, 2º ed., Vol. II. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido oculto dos ritos mortuários**: morrer é morrer?. São Paulo: Paulus, 1996.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. 2º ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

[1]Inumação é o ato de sepultar, ou enterrar corpos humanos em covas.

[2]Ritual fúnebre a qual se fazia a recomendação da alma do falecido, ou do moribundo, mediante preces e orações

[3] Casa destinada para o rito fúnebre de velar ou prestar homenagens aos mortos

[4]*Way of death* pode ser traduzido como: caminho da morte

Cleidicelma Fortuna Santos. Graduada em Ciências Sociais. Mestre em Sociologia. Universidade Federal de Sergipe. E-mail: cleidicelma@ibest.com.br

Maria Raimunda de Lemos Ferreira. Graduanda em Ciências da Religião. Universidade Federal de Sergipe. E-mail: raydelemos@hotmail.com

Verônica Fortuna Santos. Graduanda em Ciências da Religião. Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional. E-mail: ve.30@hotmail.com

Recebido em: 29/05/2015

Aprovado em: 31/05/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: